

ASSOCIAÇÃO LIVRE: ENTRE A PSICANÁLISE E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Juliana Maddalena Trifilio Dias

juliana.maddalena@ufjf.edu.br¹

Resumo

Na Geografia brasileira contemporânea é possível encontramos abertura, pluralidade e a incorporação de diferentes perspectivas e ancoragens teóricas. Nesta mesma seara, a Educação Geográfica como campo teórico e metodológico, nos inquieta e nos movimenta a pensar as reverberações e os efeitos dessas diversas incorporações na geografia vivida e praticada na escola básica e nos cursos de formação de professores. Vivemos, dialogamos e estabelecemos relações teóricas e metodológicas com diferentes correntes do pensamento científico, mas em que medida isto produz efeitos na Educação Geográfica? Neste campo plural, escolho as contribuições da Psicanálise para refletirmos epistemologicamente sobre questões ligadas à prática do ensino em Geografia. Para este exercício reflexivo, este texto apresenta uma breve introdução sobre a Psicanálise, uma discussão conceitual sobre o método da associação livre, um registro de campo fruto da pesquisa de doutoramento, “Lugar geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia” (DIAS, 2019) e questões que atravessam a prática do ensino em Geografia. Nosso psiquismo tem sido pouco ou quase nada explorado na compreensão de nossa geograficidade, principalmente na produção brasileira do conhecimento geográfico. A relação entre o mundo interno e o mundo externo tem sido historicamente assumida com ênfase no externo ou até mesmo o mundo externo apartado do mundo interno. Dessa forma, é neste contexto sobre as relações entre os mundos internos e mundos externos em que este trabalho se insere, todavia, com ênfase no que ocorre nos mundos internos e na relação entre os dois mundos. Neste trabalho, a palavra é movente, é efeito, produz sentido, é inerente ao humano e é vista em sua potência nas geografias vividas em espaços escolares e não escolares. A palavra está presente em tudo o que fazemos, mesmo quando em alguns momentos ela nos falta. Mas o modo como Freud singularizou a fala, colocou a palavra em outra condição e é neste outro modo de considerar a palavra que a localizo.

Palavras-chave: Palavra, Freud, Inconsciente.

¹ Professora da área de Ensino de Geografia na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Este trabalho é produto de pesquisa de Doutorado em Geografia pela Unicamp, intitulada “Lugar geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia”. Pesquisa realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Introdução

Na Geografia brasileira contemporânea é possível encontramos abertura, pluralidade e a incorporação de diferentes perspectivas e ancoragens teóricas. Nesta mesma seara, a Educação Geográfica como campo teórico e metodológico, nos inquieta e nos movimenta a pensar as reverberações e os efeitos dessas diversas incorporações na geografia vivida e praticada na escola básica e nos cursos de formação de professores. Vivemos, dialogamos e estabelecemos relações teóricas e metodológicas com diferentes correntes do pensamento científico, mas em que medida isto produz efeitos na Educação Geográfica?

Para iniciar o recorte temático do presente trabalho, destaco que há tempos temos caminhado e avançado em questões que consideram a subjetividade, a memória e a imaginação na ciência geográfica. Como os geógrafos humanistas, por exemplo, que há algumas décadas já exploram e sistematizam este conhecimento desde o século XX. No entanto, nosso psiquismo tem sido pouco ou quase nada explorado na compreensão de nossa geograficidade, principalmente na produção brasileira do conhecimento geográfico. A relação entre o mundo interno e o mundo externo tem sido historicamente assumida com ênfase no externo ou até mesmo o mundo externo apartado do mundo interno. Mesmo que já tenhamos reflexões sobre o mundo interno na Geografia. Dessa forma, é neste contexto sobre as relações entre os mundos internos e mundos externos em que este trabalho se insere, todavia, com ênfase no que ocorre nos mundos internos e na relação entre os dois mundos.

Neste campo plural, escolho as contribuições da Psicanálise para refletirmos epistemologicamente sobre questões ligadas à prática do ensino em Geografia. Para este exercício reflexivo, este texto apresenta uma breve introdução sobre a Psicanálise, uma discussão conceitual sobre o método da associação livre, um registro de campo fruto da pesquisa de doutoramento, “Lugar geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia” (DIAS, 2019) e questões que atravessam a prática do ensino em Geografia. Neste trabalho, a palavra é movente, é efeito, produz sentido, é inerente ao humano e é vista em sua potência nas geografias vividas em espaços escolares e não escolares. A palavra está presente em tudo o que fazemos, mesmo quando em alguns momentos ela nos falta. Mas o modo como Freud singularizou a fala, colocou a palavra em outra condição e é neste outro modo de considerar a palavra que a localizo.

Um olhar para a Psicanálise

De acordo com Freud (2011 [1924]), a Psicanálise nasceu com o século XX e foi apresentada ao mundo em 1900 com a obra “*Interpretação dos sonhos*”. Mas as influências de Josef Breuer e Jean-Martin Charcot e as circunstâncias anteriores, ainda no século XIX, foram decisivas para sua constituição, como a hipnose e o método catártico, por exemplo. Inicialmente o objetivo era o estudo das doenças nervosas para que fosse superado o modo como eram tratadas pelos médicos e na busca por outras explicações para sintomas com manifestações visíveis no corpo ligadas a estas doenças. Freud acreditava que era possível tratar os doentes com algo para além de tratamentos físicos e químicos, ao mesmo tempo em que buscava desenvolver o que seria o tratamento psicanalítico.

Em sua gênese, a Psicanálise já nos colocava em evidência aquilo que alguém diz sobre o que lhe vem à mente. É claro que existia um contexto médico que envolvia doença, paciente e cura. Mas o ato de falar e ainda a possibilidade de dizer o que aparece à mente daquele que diz, é algo potente no ser humano por estarmos submetidos à linguagem. Todavia, mesmo que esta característica nos seja própria, é por meio da Psicanálise que este dizer endereçado a alguém adquire sua especificidade. Usar a palavra no tratamento e na cura fez Freud romper com um discurso médico que detinha a exclusividade do saber sobre o paciente. O saber do paciente, por meio de sua fala, fornecia os elementos de seus sintomas a serem tratados. Todavia, trata-se de um saber que o sujeito não sabe, não sabe o que diz e não tem controle sobre o que diz. Um saber através do qual as palavras escapam, produzem efeitos e dizem sobre o próprio falante. O paciente, por meio de sua palavra, fornecia os elementos de seus sintomas a serem tratados. Então, Freud podia trabalhar com os conteúdos inconscientes que se manifestavam na fala, sonhos e sintomas de seus pacientes e com os afetos patogênicos que se presentificam em seus discursos. É por meio da palavra, do dizer e da escuta que o tratamento psicanalítico é desenvolvido, mas também fora da clínica ela permite que possamos nos aproximar da geograficidade de cada ser humano.

A psicanálise é um método de investigação, principalmente, por meio das associações livres do sujeito, construída em um conjunto de teorias sistematizadas e em relação intrínseca ao campo clínico e ao método psicanalítico. Este método de investigação evidencia o

inconsciente, a palavra, a escuta e inúmeros processos e dinâmicas psíquicas aos quais estamos submetidos. Para além de um campo, a psicanálise também evidencia aquilo que é inerente ao humano e que nos constitui, o que dessa forma nos permite a interrogação: qual a contribuição da psicanálise no ensino de Geografia?

Para uma primeira aproximação com este questionamento, escolho a associação livre como possibilidade de trabalho ancorado em princípios teóricos e metodológicos elaborados por Freud e com uma torção para pensarmos o ensino de geografia na contemporaneidade.

Freud desenvolveu este método gradualmente e esta via de acesso ao inconsciente é descrita em momentos distintos e em muitos textos da obra freudiana. É possível encontramos fragmentos em textos que nos indicam que Freud não desenvolveu este método de uma única vez, mas sua posição de sempre estranhar e refletir sobre sua própria prática o colocava em movimento junto com sua grande construção teórica e prática. Antes da associação livre, Freud já havia trabalhado com outros métodos e pouco a pouco foi se interrogando sobre a eficácia de cada um deles no tratamento de seus pacientes.

Entre 1900 e 1901, Freud (2016 [1900]) publicou a importante obra “A interpretação dos sonhos” e nos apresentou mecanismos psíquicos que produzem os sonhos, bem como análises de sonhos de seus pacientes. O sonho nos apresenta conteúdos manifestos através dos quais podemos contar aos outros sobre o que sonhamos, mas também possui o conteúdo latente a partir de nosso material inconsciente. Enquanto dormimos, nossos sonhos não possuem apenas resíduos diurnos do que foi vivido, mas também trazem algo que precisa do sonho para se manifestar. No entanto, um sonho que aparentemente não possui sentido ao ser narrado, para Freud apresenta uma lógica própria que encadeia os elementos. Da mesma forma, Freud percebeu que no dizer do paciente também existe um encadeamento para além organização consciente daquele que fala.

Freud (2016 [1900]) solicitava que os pacientes lhe comunicassem aquilo que lhes viesse à cabeça e que assumissem o compromisso de dizer todas as ideias ou pensamentos que lhes ocorressem na relação com o assunto trabalhado. O paciente era convidado a dizer tudo o que lhe ocorresse, inclusive algo que por ventura julgasse sem sentido. “A fim de apoderar-se

desses pensamentos, ele solicita aos pacientes que se deixem levar nessas comunicações, ‘como se faz numa conversa em que se pula de um assunto a outro’” (FREUD, 2016 [1904]).

Associação livre e ensino de Geografia

Para começar a exemplificar as aproximações da associação livre com o ensino de geografia, escolho uma situação vivida em sala de aula no ensino superior. Estávamos discutindo um texto sobre formação docente e um aluno se lembrou de quando a professora que o recebe para realização do estágio narrou em sala de aula sobre o modo como recebeu a notícia dos atentados de 11 de setembro de 2001. Ele relatou que ao ouvir a professora, imediatamente se lembrou de onde estava quando sobre daquele ocorrido e aproveitou para nos contar em sala de aula. Na sequência outro estudante diz: *“engraçado! Me lembrei do show dos Mamonas Assassinas aqui na cidade”*, e acrescentei: *“o show da lama? Aquele de 1995?”*, outro aluno complementou: *“nossa! Era muita lama!”*. Em seguida, outro estudante diz: *“nossa! Me lembrei de quando John Lennon morreu”*. Então, perguntei para a turma o que havia acontecido naquele momento da aula. Após um longo silêncio alguns começaram a falar sobre lembranças que foram emergindo a partir do dizer daquele primeiro estudante. Trabalhamos as lembranças na relação com o texto sobre narrativas, mas continuei a questioná-los sobre o que metodologicamente havia ocorrido. Então, pude lhes dizer sobre a associação livre.

As lembranças foram se associando a cada dizer e provocando outras lembranças. Existia um fio que atravessava nossas falas e que ia perpassando nossas lembranças e nos provocando a dizer. Os três episódios trouxeram marcas na escala individual e coletiva, estão ligados à morte, à mortes reconhecidas como pré-maturas e estão circunscritos a um determinado lugar, tempo vivido e data cronológica. Existia um tom nas vozes que lamentava aqueles finais e olhares que reconheciam que muita coisa já havia sido vivida desde cada um dos episódios. Os três se presentificaram em sala de aula e nos trouxeram muitas camadas de tempos e lugares apresentadas em nossas lembranças. Para além do texto trabalhado naquele momento, também tivemos a oportunidade de refletir sobre aquilo que não estava previsto, mas que emergiu em sala de aula. Fomos voltando de 2019 a 1980, passando por 2001 e 1995, como era o mundo em diferentes momentos? Além dessa riqueza, tínhamos em sala outros estudantes

que não eram nascidos ou eram muito jovens e não se lembravam dos episódios, então, foi possível ouvir narrativas de outros tempos e lugares.

Naquela aula experienciamos associações individuais que nos envolviam e outras que emergiam coletivamente e nos enlaçavam. O mesmo pode ser acompanhado a partir dos relatos que apresentei na tese (DIAS, 2019) e pôde ser vivenciado durante uma reunião do grupo de estudos GhEnTE². Estávamos discutindo as relações com lugares que nos constituem e como construímos essas relações, então, um membro do grupo nos contou que uma conhecida senhora que havia sido internada no Centro de Tratamento Intensivo em um hospital da cidade. Ele, já havia contado e nos lembrava, que quando ela havia sido internada em outra ocasião, ela reclamou e pediu para voltar para o lugar dela, sua casa. Dessa vez, impossibilitada de voltar para casa não querendo ir para o CTI, pediu para ficar no lugar dela no hospital, que era onde estava a cama onde havia sido internada da última vez.

Começamos a discutir sobre esta relação da senhora com lugares e perguntei ao grupo se por meio do que Sebastião nos contava, poderíamos dizer algo sobre os lugares da senhora. Um ar de dúvida pairou sobre a reunião. Então, perguntei como conhecer os lugares de alguém. Rompendo o silêncio, Sebastião começou a contar sobre quando seu pai teve sete acidentes vasculares cerebrais e precisou ficar no hospital. Ele nos contou isso porque uma acompanhante daquela senhora lamentava estar no hospital e lhe perguntou se ele sabia o que era estar em um hospital. Ele disse que sabia por esta ocasião de seu pai. Então, pedi para que parasse momentaneamente de contar e perguntei ao grupo o que seria este lugar-hospital para Sebastião.

Algumas pessoas disseram, sofrimento, tristeza e desconforto. Ao ouvi-las, perguntei ao grupo se Sebastião havia falado alguma daquelas palavras e responderam negativamente. O que estava acontecendo? Ele disse hospital e as pessoas ouviram o vocábulo associado com palavras que ele não mencionou. Então, Sebastião voltou a falar e não confirmou que para ele hospital seria sofrimento, ao contrário, seria alegria porque sua filha havia nascido naquele hospital. Sobre seu pai, contou que saber que foram sete AVC lhe impressionava mais do que estar no hospital durante sua recuperação.

² O grupo Geografia Humanista-Ensino-Teoria-Experiência está sediado na Faculdade de Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Enquanto ouvíamos Sebastião, psiquicamente o processo de associação acontecia e pelo dizer daqueles que participavam, fomos ouvindo o que era hospital para cada um, mesmo que o objetivo das falas fosse enunciar o que era hospital para Sebastião e para aquela senhora. No momento do desencontro de sentidos para um mesmo vocábulo, no caso o hospital, podemos acompanhar como a experiência vivida e a história de cada um se presentificam no dizer e no ouvir. Por mais que Sebastião enunciasse sobre seu lugar, aquele lugar era escutado de outro modo ou por mais que suas palavras nos guiassem por alguns caminhos, a escuta de cada um é tomada por desvios. Não existe um único caminho que nos guia a conhecer os lugares das pessoas. Existem desvios que possibilitam encontros e desencontros entre lugares.

Na sequência desse momento, Júnior contou sobre seu acidente de moto que quase terminou com sua vida. Para ele, entrar no hospital na eminência da morte e sair vivo significou muito e lhe fez considerar como um lugar sagrado. Então, lhe perguntei se sagrado era aquele hospital e ele respondeu que não, disse que eram os hospitais, todos os hospitais. Observe que sua experiência fez com ele expandisse o sentido de lugar que poderia ser atribuído a um determinado ponto da superfície terrestre para um grupo de lugares associados ao mesmo vocábulo. Existe um lugar no mundo externo, mas aquilo que foi vivido internamente expandiu para diferentes coordenadas geográficas. Ele ao mesmo tempo em que falava sobre um lugar, também nos dizia sobre algo que poderia estar em diferentes lugares. Da mesma forma, o que foi vivido em um determinado hospital teve tanta força em seu mundo interno que alterou o modo como considera os hospitais. Esta relação entre Júnior e o lugar também foi vivida por meio de representações de hospital a partir de sua experiência entre a morte e a vida.

A palavra traz elementos acústicos, visuais e sinestésicos com associações simples e mais complexas. Enquanto vamos falando, estamos tentando colocar em palavras algo que podemos nem saber o porquê, a origem, a finalidade de nossa fala, mas simultaneamente, atos psíquicos estão em atividade. Imagino que isto possa parecer estranho, mas não controlamos todas as palavras, mesmo quando temos a sensação de escolhê-las.

Alguns dias se passaram e Renata me envia um e-mail dizendo: “Acho que temos que voltar no exemplo sobre a palavra hospital!”. Então, vamos nos voltar para esta palavra: hospital.

“Enquanto todos falavam durante a reunião, eu me mantive mais quieta, até não aguentar mais e querer falar! Isso porque hospitais sempre foram lugares que me trouxeram muito medo, pavor mesmo, angústia! O encontro me trouxe um verdadeiro aperto no peito! E esse medo, apesar de ainda carregá-lo, nunca foi sobre mim... Apesar da diabetes! Foi sempre o medo de perder minha avó. Ela passou os últimos treze ou quatorze anos da vida dela tratando o câncer e como ela me criou, qualquer dorzinha dela, doía muito em mim. Eu fiquei com ela na cabeça durante todo o encontro e ali percebi como a palavra hospital também me levava pra um determinado lugar, que me dá pânico, onde evito passar até hoje.

Lógico que já tinha estado em hospitais, consultórios... Mas o que me vinha na cabeça durante o encontro foi o período em que minha avó esteve internada no Oncológico, o hospital da primeira internação e da primeira cirurgia. Ela iria operar em uma segunda, então viemos visitá-la no domingo. Na época eu era criança, não me deixaram entrar de primeira.. E da frente do hospital vi minha avó, de camisola azul, cabelo branco e curtinho acenando. Ela estava no terceiro andar... E ainda hoje, quando passo na rua Barão de Santa Helena, evito olhar para a janela, mudo de calçada, porque a imagem se repete na minha memória. Depois de um pouco de insistência o pessoal me deixou entrar, consegui ganhar o abraço que eu tanto queria e precisava. Acabou que a cirurgia correu bem, mas esse tempo no hospital tirou minha avó de perto de mim por três longos meses. Essa é a lembrança que martelou na minha cabeça, e quando o Júnior se referiu ao hospital enquanto um lugar ligado à vida me fez ter vontade de falar, já que para mim, hospitais tem sentidos totalmente opostos.

Durante todas as internações, minha avó sempre teve uma acompanhante, eu nunca dormi em um hospital com ela, nem passei o dia, principalmente nas últimas, porque eu já morava aqui em Juiz de Fora. Eu construí uma imagem terrível de um lugar, somente a partir do medo. Não sei se você vai se lembrar de uma vez que cheguei para um encontro, mas eu não estava efetivamente na reunião. Acho que você percebeu que eu não estava bem e me perguntou o que estava acontecendo. Acabou que entre uma lágrima e outra que eu tentava segurar, falei que a vó estava internada em Barbacena, na Santa Casa. Eu saí da sala, chorei um pouquinho lá fora, e depois voltei. Minha mãe me ligou contando que estava indo buscar ela no hospital, já que ela tinha ganhado alta. O pânico que eu sentia, só de falar Santa Casa era impressionante”.

Renata narra que, apesar do silêncio vocal, internamente havia muito barulho com o que ouvia durante a reunião, até que sentiu a força que lhe impulsionava a tentar colocar palavras naquilo que lhe vinha à mente. Ela partiu do princípio que o aperto no peito que sentia durante a reunião era por ter muito medo de hospitais. Renata sentia na carne o medo de determinado lugar, seja indo ao seu encontro ou se imaginando falar sobre o assunto. Ela nos contava sobre sua geografia sentida na carne que a revelava um medo que, para ela, estava associado ao diabetes que a marca e parecia definir sua relação com hospitais.

Renata para falar sobre hospital nos apresenta sua forte relação com a avó. Em suas palavras, a relação com a avó e o medo de perdê-la ou não abraçá-la emolduravam sua imagem de hospital. Renata também citou duas vezes a força da realidade geopsíquica (DIAS, 2019) sentida no cotidiano e a narrativa nos mostra que ela estava presente em um lugar e determinado tempo cronológico, mas o que ela via, sentia e se lembrava estavam deslocados para outros lugares e tempos que se presentificavam na reunião.

Renata me enviou outro e-mail e se questionava: *“como pode o hospital estar associado a tantos lugares? Hospital para mim sempre foi medo, angústia... palavras ruins. Mas não pensei que o hospital pudesse disparar tanta coisa em mim, entende? Não pensei que ia vir tanta coisa a partir de uma palavra. Quando chego no hospital, em qualquer hospital, eu começo a passar mal e isto piorou na minha adolescência. Passo muito mais mal no hospital do que em casa. Eu evito ao máximo ir para o hospital. Mas sempre achei que fosse nervosismo e não associava ao medo. Muito menos a um lugar”*.

No final, emocionada ela diz desse algo que a tocou, que fez suas lembranças emergirem e diz sobre o que pôde ver: *“que quando passo em frente ao Oncológico não mudo de calçada à toa!”*. Ela pôde se ouvir e se ver em tudo o que narrava. Renata sentiu na carne a força da palavra. Palavra que quando pode ser dita, pode ser ouvida e pode ser lida, também pode significar e ressignificar o lugar. Renata encontrou com a força do lugar em suas ações do cotidiano. Atravessar a rua, mudar de calçada e não olhar para determinada janela é realizar um movimento. O movimento de evitar o lugar. Evitar o que emerge do lugar. Evitar o desprazer. Evitar encontrar o lugar na dobra. Seu deslocamento na cidade estava marcado pela dobra e vivido através de sua realidade geopsíquica.

Renata nos mostrou o caminho de associações que a palavra tomou enquanto ouvia barulho em seu corpo. Ela ouviu hospital, lembrou-se da avó, das histórias que ela lhe contava sobre um lugar. Este caminho associativo só fez sentido, tanto para nós quanto para ela, posteriormente. Quando ela inicia sua narrativa é quase como nos contasse de trás para frente, o que na verdade revelava o modo como o hospital se desvelou para ela. O modo como acreditava ordenar sua narrativa não foi o mesmo modo como algo foi ordenado e pôde ser lido por ela. Considerar que o sentido de lugar é *posteriori*, também é considerar que algo age em cada um de nós sob outra ordem. Por mais que parecesse que sua narrativa possuía princípio, meio e fim e estava clara ao leitor, algo pôde falar nela e que dessa vez, pôde ser lido.

Para Lacan, “uma palavra não é uma palavra a não ser na medida exata em que alguém acredita nela. [...]. Ela está aí antes de qualquer coisa que haja atrás” (LACAN, 2009 [1953-1954], p.311). Geograficamente, a palavra nos conduz ao encontro de muitos sentidos de lugares. Ela nos desloca no tempo e se apresenta como uma tentativa, de cada um, em dizer a partir da realidade geopsíquica (DIAS, 2019).

Considerações finais

O ensino de geografia é plural em suas teorias, métodos, formas, conteúdos, discursos, encontros e desencontros. Com a possibilidade de viver efetivamente esta pluralidade, este trabalho destacou a psicanálise, a associação livre e a palavra como caminhos que nos permitem considerar o conhecimento geográfico para além de uma única perspectiva. O que acontece em sala de aula, o que ouvimos e o que falamos nos mobiliza psiquicamente e este movimento, por meio da palavra, é bem-vindo às aulas de Geografia.

Existem muitas metodologias que já acolhem processos subjetivos em sala de aula, mas o lugar da palavra depois de Freud e a possibilidade de dizer o que vem à mente, ressignifica uma premissa comum de trabalharmos com conteúdos prévios. Dizer o que vem à mente, é um convite para que tudo o que foi vivido pelo estudante tenha sentido, seja associado e ainda nos permite conhecer aquilo que ele constrói anteriormente ao trabalho de determinado conteúdo geográfico.

Nos dois exemplos apresentados cada um pode dizer de sua experiência e um mesmo vocábulo ou um mesmo fio narrativo foi sendo construído e até ressignificado no próprio dizer.

Esta não é uma metodologia que se restringe aos tempos e espaços da escola, uma vez que os efeitos da palavra podem surgir para além das aulas de geografia e reverberar em momentos posteriores. A associação livre, neste trabalho foi apresentada como conversas biográficas (DIAS, 2019), mas outros métodos ligados à palavra e ao dizer nos conduzem ao associar. Isto também está diversificado em exemplos de Freud no decorrer de sua obra, ou seja, estamos diante de pluralidade em diferentes sentidos.

De modo mais radical e profundo, a associação livre nos faz significar ou ressignificar a conversa em sala de aula e aquele dizer com aparência de falta de sentido na construção do conhecimento geográfico de forma coletiva e individual. A questão é que tudo isto já ocorre em cada um de nós, então como poderemos vivenciar efetivamente esta dinâmica psíquica no ensino de Geografia? Ainda nesta radicalidade, este método nos coloca diante da abertura real de nossas aulas e do lugar que o dizer e a escuta ocupam na construção do saber.

Kingsbury e Pile (2014) afirmam que a psicanálise é rica e mal aproveitada pelos geógrafos. Esta é uma importante afirmação, mas na verdade, tenho enxergado tanta riqueza neste campo e tantos desdobramentos para a Geografia, que este “pouco” também faz referência à potência que tal aproximação pode promover para nossa epistemologia. Uma de suas riquezas está na abertura à pluralidade e à diversidade que é a vida. Para os autores, os geógrafos ao terem contato com a psicanálise não demoraram para reconhecer esta riqueza. Então, ao enxergar a possibilidade de compreendermos o Inconsciente no mundo exterior e os mundos exteriores no mundo do Inconsciente, um vasto campo teórico nos enriquece na Educação geográfica.

A palavra e associação livre nos colocam diante da relação entre os mundos externo e interno. As dinâmicas psíquicas e a existência no inconsciente se presentificam por meio do dizer que pode ocorrer em sala de aula ou em qualquer lugar. Diante dessas relações e dinâmicas, este é um convite ao dizer e à escuta no ensino de Geografia.



Referências

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. **Lugar geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia.** 2019. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Campinas, 2019. 172f.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos.** [1900] – volume 1. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREUD, Sigmund. **O método psicanalítico de Freud.** [1904]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 6). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KINGSBURY, Paul; PILE, Steve (orgs). **Psychoanalytic Geographies.** Burlington, VA: Ashgate, 2014.